

UMA COMUNICAÇÃO BABÉLICA: A CARTA SEM RESPOSTA

Eduardo Silveira¹

Comunicação babélica

Esse é o texto de uma comunicação que se supõe "im-posível". Uma comunicação baseada na lógica do silêncio. Do corpo em estado de prontidão. Uma comunicação, essencialmente babélica. Ao apresentar o livro que consiste em um conjunto de ensaios reunidos sob o título "Habitantes de Babel", Larrosa e Skliar explicam a escolha do mito como forma de pensar a condição singular dos nossos tempos. Para esses autores, Babel é um sintoma que se refere ao nosso mundo e sua lógica dispersa e confusa, sintoma, sobretudo, da inquietação e da perplexidade. Não é mais a Babel, mito negativo, relacionada ao pecado, à culpa, "queda, acusação, expiação, castigos: todas catástrofes a serem remediadas pela Humanidade, condenada à incansável busca de reunificação" (CORAZZA, 2002, p. 193), mas sim uma Babel que nos desassossega e faz questionar sobre a im-possibilidade de comunicação com o Outro:

Como encontrar o Outro, sem que seja como vítima ou culpado, réu e prova, testemunho e intérprete da universalidade? Como suspender os processos de identificação? Como o Outro pode ser posto em cena não como objeto de ação, a ser reparado, integrado, registrado, detectado, feito visível e enunciável, tendo calibradas sua integração e ameaça, mas como desafio ao intercâmbio, interpelação a nossos símbolos e identidades? (CORAZZA, 2002, p. 192).

Esse outro que ora me interpela a essa comunicação babélica é um palhaço. Não é ele um palhaço qualquer, mas o palhaço que nasceu em mim: Verde Gaia Filho. E se ele me desassossega é porque nele vejo esse outro que me desafia ao intercâmbio, interpelando meus símbolos e identidades. Eu, enquanto biólogo, professor de biologia para cursos de ensino médio técnico no Instituto Federal de Santa Catarina, me vejo atravessado pela lógica do palhaço e envolvido em seu corpo. Suas fragilidades. Seus desejos outros. Que potência isso me traz enquanto possibilidade de pensar a educação para além daquela já definida por salas de aula organizadas meticulosamente em currículos formais, conteúdos estáticos e corpos enquadrados?

Ele nasceu em mim, como no conto de Mia Couto (2013, p. 133) *Mulher de mim*, onde um homem resiste durante um tempo à paixão que uma mulher desconhecida exerce sobre ele. Em determinado momento ele descobre ser, essa mulher, uma parte de si mesmo: "*nela eu encontrava não mulher que fosse minha mas a mulher de mim*" e assim, ele aceita sua delicada súplica: "*Me deixa nascer em ti*".

Eis que, enquanto descoberta de um outro, Verde Gaia². Também se configura em um estimado valor. Amo-o, com carinho profundo. Enquanto tento encontrar babelicamente nele, o que faço aqui é lançar-me apaixonadamente em um labirinto de relações, memórias e sensações nos (1420ês)pedaços de meu corpo. Já compreendi que Verde Gaia é a expressão e o manifesto das várias dimensões que me constituem enquanto subjetividade. Nele estão evidentes os outros que também sou e vivas as contradições que envolvem a presença desses *outros eu mesmo* em mim. Mia Couto vem somar-se à minha voz, dizendo que:

¹ IFSC. E-mail: eduardosilveira@ifsc.edu.br.

² Por vezes, carinhosamente, me refiro a Verde Gaia Filho, somente como Verde Gaia ou Verde.

A verdade é que nós somos sempre não uma mas várias pessoas e deveria ser norma que a nossa assinatura acabasse sempre por não conferir. Todos nós convivemos com diversos eus, diversas pessoas reclamando a nossa identidade. O segredo é permitir que as escolhas que a vida nos impõe não nos obriguem a matar a nossa diversidade interior. O melhor nesta vida é poder escolher, mas o mais triste é ter mesmo que escolher (COUTO, 2011, p. 80)

Ao decidir comunicar-me com meu próprio palhaço e evitar a morte dessa minha diversidade interior, percebo que inevitavelmente ele distancia-se de meu corpo e sinto-me abandonado. Eis o paradoxo: embora o palhaço nasça enquanto outro emaranhado a mim, compartilhando espaços, lógicas e carnes de meu próprio corpo, ele se define por um estado de contínua presença-ausência. Não posso ser, a todo o momento, o que sou quando palhaço somos. Assim, embora eu entenda sua ausência amparado pelas palavras de Barthes (2003, p. 35): “ora, só existe ausência do outro: é o outro que parte, sou eu quem fica. O outro está em estado de perpétua partida, de viagem; é, por vocação, migrador, fugidio”, ainda assim sofro. Porém, nesse sofrimento, sou também motivado por Barthes (2003, p. 39 – grifos do autor):

A ausência dura, preciso suportá-la. Vou portanto *manipulá-la*: transformar a distorção do tempo em vai e vem, produzir ritmo, abrir a cena da linguagem [...]. a ausência torna-se uma prática ativa, um *atarefamento* (que me impede de fazer qualquer outra coisa); cria-se uma ficção com múltiplos papéis (dúvidas, recriminações, desejos, melancolias).

E decido manipular essa ausência remetendo uma carta a Verde Gaia Filho. Tornando sua presença-ausência texto e escritura. Nos (1421) caminhos que nos constituem, encontro pequenos elementos significativos para torná-lo novamente presente em sua ausência e talvez perceber que as marcas de sua ausência são tão vivas que sua presença é mais que uma ficção. Verde Gaia continua comigo. Irradia-se em sua lógica e presença para outros espaços, outros desejos, outras relações. À medida que isso se torna uma convicção, sou ainda mais certo de reencontrá-lo enquanto texto e escritura. “O sentido (o destino) eletriza minha mão; vou dilacerar o corpo do outro, obrigá-lo [...] a entrar no jogo do sentido: vou fazê-lo falar” (BARTHES, 2003, p. 86 – grifo do autor).

A carta sem resposta

Florianópolis, doze de fevereiro de 2016.³

Meu querido Verde Gaia Filho,

Como você está? Depois de muito refletir, hoje decidi remeter-lhe essa carta. E, se decido escrevê-la é porque nessa decisão volto a experimentar um prazer um tanto esquecido que gostaria de materializar e infundir ao conteúdo que agora, submeto até você. Esse prazer me faz lembrar os amigos e amigas postais que tinha quando adolescente. Descobri o incrível universo da correspondência postal aos meus quinze, dezesseis anos. A internet ainda engatinhava e eu enviava cartas para amigos postais que não conhecia, mas para os quais entregava meus segredos, medos e preocupações adolescentes. Era um ritual delicioso! Primeiro, pensar no conteúdo. Depois, escolher a caneta apropriada para escrever, sempre com

³ A carta sem resposta é um capítulo de minha tese de doutorado em Educação na UFSC: “Dissecações do corpo de um docente-artista em escrituras experimentais”, defendida em 2014. Aqui, o texto sofreu algumas adaptações.

o esforço de fazer a escrita manter-se retilínea nas folhas sem laudas e, com muito cuidado, seguir lentamente para evitar erros que pudessem rasurar a beleza das palavras ali traçadas. Só então se seguia o processo de dobrar as folhas cuidadosamente para fazê-las caber no espaço do envelope e nele escrever um endereço situado a quilômetros e quilômetros de distância de onde aquela caneta traçava convicta uma direção. Para finalizar, colar o selo que significava a passagem respaldando a viagem da carta e inseri-la com convicção naquela caixa mágica que tinha a misteriosa capacidade de fazê-la chegar aos recônditos mais distantes.

Após todo o ritual, ainda havia a inevitável espera pelo retorno que me fazia aprender a lidar com o tempo e a expectativa frente à neurótica ação mecânica de checar a caixa de correio de minha casa duas, três, cinco vezes por dia!! Quando enfim chegava a resposta, era uma sensação indescritível! Segurar o envelope ainda sem saber o que ele escondia por trás de sua vestimenta formal. Sentir o cheiro do papel e imaginar os caminhos por ele percorridos até chegar às minhas mãos. Ao abrir o envelope, desfazer delicadamente as dobras precisas das folhas que traziam as palavras de meu correspondente e, na leitura delas, poder vê-lo através do seu gesto na grafia. Um prazer possivelmente banal, mas que, condizente com todo aquele ritual, ganhava cores e sentimentos múltiplos até a leitura da última linha escrita pelo remetente.

É lembrando-me de todas essas sensações que as cartas inevitavelmente infundem em nosso corpo, que decido remeter-lhe uma delas. Por compreender nossa relação, sei de antemão que nunca receberei uma carta sua como resposta, mas, de fato, não a espero. Decidi me comunicar diretamente contigo através de uma carta ao perceber ser esse o formato de uma possível escritura que dê conta da ambiguidade que envolve sermos parte um do outro. Percebo a carta ser uma possível escritura dessa ambiguidade, pois eram elas que em minha compreensão adolescente, poderiam ser levadas magicamente daquela caixa misteriosa que ficava próxima à minha casa, aos locais mais distantes e inacessíveis. Por vezes até mesmo supus ter alguém responsável pela caixa que a abria e respondia a todas as cartas. Uma pessoa qualquer, com vontade de ler todas as cartas e respondê-las. Assim, minhas cartas nunca teriam viajado aos mais distantes endereços e meus amigos postais não teriam passado de ficções criadas por algum desconhecido misterioso. E essa escritura que experimento agora, necessita ser envolta nessa misteriosa ficção das correspondências, pois entendo ser você também um pouco desse mistério. Você não é um personagem, tampouco uma identidade ou algo parecido, mas sim uma lógica própria que faz parte de mim, de meu corpo. Então escrevo uma carta, sem resposta. Assim, apaziguo-me e posso dizer-te que meu desejo é compartilhar contigo alguns segredos, exatamente como aqueles que eu compartilhava em minhas cartas adolescentes. Segredos importantes que só pude perceber e compreender ao chegar até aqui. Porque decido compartilhá-los contigo? Talvez por perceber, após reconhecê-lo junto a mim através de nossa relação pelo corpo, que na realidade você é o autor-leitor primeiro de todas minhas aprendizagens enquanto professor-biólogo-ator. Você sempre esteve presente. Embora sua localização precisa situe-se no momento em que decido vestir-me com suas roupas, colocar seu pequeno nariz vermelho e vivenciar sua lógica própria, sua presença irradia-se por todo o restante de minha existência. Não pude deixá-lo restrito. Você abre frestas, provoca fissuras e consegue transgredir a pretensa precisão de sua localização. Certamente isso é possível pela condição ambígua que compartilhamos no corpo, mas o fato é que com uma entrega mais intensa, consigo vê-lo por toda minha existência, por todos os momentos que constituem minha ação como professor, por todas as memórias que originaram essa carta. Em alguns momentos sua presença é maior, marcando mais profundamente meu corpo. Nisso percebo suas brincadeiras que transgridem a pretensa linearidade espacial de meus movimentos e fazem meu corpo revolver-se, angular-se, e saltar como uma criança, ocupando o espaço da vida e brincando livremente. Essa sua invasão me lembra de Georges Perec e sua inventividade

literária, sempre brincando, torcendo as palavras e a lógica textual-espacial. Em seu livro *Especies de espacios* (2001, p. 31) ele diz:

Escrevo: habito minha folha de papel, cerco-a, viajo nela.
Suscito espaços em branco, espaços (saltos no sentido: descontinuidades,
passagens, transições)

Eu
escrevo
na
marge
m...⁴

Você sempre está presente. E se em algum momento eu tive a intenção de restringir sua presença a apenas um momento, não é por desacreditá-lo ou não confiar em sua companhia, mas sim pelo desejo de conservá-lo como meu companheiro misterioso. Uma companhia valorosa e cara, daquelas que você nutre com todo cuidado e carinho para não perdê-la jamais. Ou quem sabe eu tenha escondido sua presença mais evidente, justamente por medo e incapacidade de lidar com sua vivacidade e inventividade transgressiva... Confesso Verde, eu te admiro muito! Mas, às vezes, você também me assusta... Acho que sou um tanto quadrado e conservador demais, você não acha? Eu sei que ainda desconheço muito de você em mim e sei que há mais. E se te conto isso agora é com humildade e entrega verdadeira que o faço por compreender mais sobre a matéria que te constitui, querido amigo.

Você é feito da matéria palhacesca Verde Gaia Filho e, após o contágio do palhaço, felizmente a matéria palhacesca não pode ser delimitada no tempo e no espaço. Ela move-se caótica e intensamente dentro do corpo contagiado. Onde parece haver repouso, com mais atenção é possível perceber o intenso movimento de algo selvagem e livre que por vezes vaza pela abertura dos poros. E isso me fez lembrar um trecho do livro “*Aos 7 e aos 40*” de João Anzanello Carrascoza que agora compartilho contigo. O livro é a história de uma vida contada em dois tempos, infância e meia-idade através de fragmentos que se tocam. Em determinado momento em um fragmento da infância, o narrador conta sobre um dia em que ele e um amigo, o Bolão, tentavam capturar um pássaro-preto em uma arapuca (2013, p. 98):

A tarde chegou. O sol caía. E, então, fomos lá no Santa Cruz. O Bolão pôs a arapuca no meio de uma touceira. Os dois escondidos. Nada em nós fazia barulho. A gente só via. E nada aconteceu, de imediato. O mundo estava parado; mas, aos poucos conforme nos acostumamos, vimos a verdade. Tudo se movia, bem lento. Era preciso paciência pra notar a vida que ali se manifestava, no rastilho das formigas (dava pra ouvir as patinhas delas estalando o silêncio), no vento que fervia a cabeleira do capim-gordura, no céu a tremular de azul, no cheiro flutuante do mato, e o dedo do Bolão se erguia até os lábios, *Psiu*, em alerta, pra gente ser só o que éramos, também paisagem, e, enquanto isso, as plantações davam volta em torno de nós. Eu me senti na sala de casa, sentado no tapete, mas não assistia à tevê com meu irmão, eu assistia às terras com o Bolão, eu via tudo sem chuvisco, no volume baixinho da vida, pra prestar mais atenção.

⁴ “Escribo: vivo en mi hoja de papel, la cerco, la recorro. Suscito espacios en blanco, espacios (saltos en el sentido: discontinuidades, pasajes, transiciones). Escribo en el margen...”

Nesse pequeno trecho, Verde, de uma infância qualquer que inclusive poderia ser a minha – pois também eu (quando ainda não éramos tanto nós) muitas vezes tornei-me paisagem para capturar pássaros-pretos –, está escondido o primeiro segredo que desejo compartilhar contigo. Somos juntos, passeamos juntos e atravessamos diversas paisagens que constituem as memórias de nosso corpo e materializam diferentes momentos de nossa vida: lembranças de infância, locais visitados, períodos de formação, prática profissional e artística ou encontros teóricos e práticos. São como paisagens afetivas de nossa vida que se montam, remontam e ficcionam em nosso ser-no-mundo.

Todos esses momentos-paisagens nos misturam confusamente e, ao perceber sua presença-ausência constante e confusa – ora fugidia, ora enfática –, compreendo ser você a principal paisagem que atravessa minhas paisagens enquanto professor! Seu corpo, que na realidade é nosso, é um corpo que se define por ser, ele também, paisagem. Corpo-paisagem que não determina uma identidade plena e definitiva, mas que se agranda em horizontes múltiplos, ambiguidades, mistérios, revoltas e, a cada momento, de acordo com os diferentes estímulos que recebe, faz aparecer novos movimentos. Alguns lentos, outros velozes, mas sempre movimentos de manifestação da vida em potência. Corpo-paisagem que tampouco te define enquanto personagem, Verde Gaia Filho, mas como uma postura frente a essa vida em potência que a faz se confundir com a ficção e tornar-se, ela própria, também paisagem nesse corpo que compartilhamos. Corpo-paisagem que se mistura às paisagens múltiplas constitutivas de nossa vida narrada no encontro com a escritura e deixa-se afetar por elas, originando sua presença verdadeira, contínua e paciente.

Você não sabe como me sinto – e te sinto! – feliz ao compreender isso Verde... João Anzanello diz que escondidos naquele terreno aguardando a chegada dos pássaros-pretos na arapuca, “era preciso paciência pra notar a vida que ali se manifestava”. Se nos sinto feliz é justamente por notar sua vida manifesta pelo texto e entre-texto que constitui nossa prática docente que com esforço e comunhão fomos aos poucos construindo e lapidando. E mais ainda por saber que, se pude notar a manifestação de sua vida, é porque consegui percorrer as paisagens que as constituem com calma e paciência. Aos poucos. Nos detalhes. Parando. Indo e voltando. Respirando. Deixando o tempo perder-se por entre as camadas de letras, memórias e sensações que confusamente enovelam-se, fomo-nos apaziguando com o tempo, com as dificuldades, com nosso corpo e com a multiplicidade que nos constitui.

É Verde... Algumas coisas nós só conseguimos enxergar através da lentidão. Então é assim, lentamente, com a escrita leve e tranquila, que compartilho contigo um segundo segredo que só pude descobrir através do encontro verdadeiro com seu corpo-paisagem. É justamente pelos “entres” desse encontro, lento e paciente, capaz de refletir as aprendizagens múltiplas do percurso pelo inusitado da vida em nós manifesta, que consegui enxergar a experiência... Ela é o segundo segredo que guardei para ti. Confesso que durante algum tempo nos percebi confusos entre isso que se sugere como experimentos de aula de biologia, ciência, pedagogia, currículo, avaliação? Sim, esse frenesi vem daquilo que em nós é biologia, docência, arte... Mas eis que nesse emaranhado todo, foi do encontro com seu corpo-paisagem estrangeiro em si mesmo, aberto e múltiplo que acolhi a experiência. Percebi ser ela aquilo que atravessa cada um dos momentos pedagógicos que vivenciamos, conectando-os um a outro através de nosso corpo-paisagem, pela improvisação.

Sim Verde, e com de Jorge Larrosa, posso dizer-te: mais do que experimentos, experiências... Quando Larrosa (2011, p. 17) me fala que um experimento precisa ser homogêneo, repetível, previsível, antecipável, etc, percebo que nossas práticas experimentais de docência dificilmente podem ser assim reconhecidas... Principalmente a partir do momento em que reconheço sua inegável presença contínua enquanto corpo-paisagem palhacesca através

delas... Confesso que se recomeçássemos nossa trajetória profissional hoje, seguindo a mesma lógica, os mesmos movimentos e procedimentos, não consigo acreditar que chegaríamos ao mesmo lugar... E nisso vejo como nos aproximamos de experiências singulares... Somos, no presente do corpo-paisagem múltiplo e enigmático que compartilhamos, a possibilidade contínua de experiências plurais e irrepetíveis. E uma paisagem, meu amigo, está sempre prenhe da diferença e da liberdade... Nunca a vemos com os mesmos olhos, nunca a habitamos com o mesmo corpo. E assim também o é a experiência como comenta Larrosa (2011, p. 19) nesse trechinho que agora copio para você, Verde:

A experiência sempre tem algo de imprevisível, de indizível, de imprescritível. E mais, a incerteza lhe é constitutiva. Porque a abertura que a experiência dá é a abertura do possível, mas também do impossível, do surpreendente, do que não pode ser. Por isso a experiência sempre supõe uma aposta pelo que não se sabe, pelo que não se pode, pelo que não se quer. A experiência é um talvez. Ou, o que é o mesmo, a experiência é livre, é o lugar da liberdade.

Quer mais incerteza do que aquela que nos mobiliza durante o planejamento de uma aula qualquer quando decidimos seguir no enlace de uma questão inicial que se desdobra em diferentes caminhos? Pois é Verde, a improvisação é o reino das incertezas e você, enquanto palhaço, sabe muito bem disso, não é mesmo?

E não é que entre todas as incertezas, confusões e dificuldades chegamos até aqui juntos e cada vez mais integrados um ao outro? Eu me vejo cada vez mais em você Verde Gaia Filho, e tenho certeza que você também me vê em ti... Isso porque aprendemos a reconhecer e aceitar nossa condição múltipla. E agora posso dizer-lhe com convicção que foram justamente essas experiências e a maneira apaixonada e plena pela qual nos entregamos a elas que nos fizeram integrar um ao outro. Sim Verde, porque se você me permite novamente fazer minhas as palavras de Larrosa (2011, p. 22), ele diz que: “a experiência não está do lado da ação, ou da prática, ou da técnica, mas do lado da paixão. Por isso a experiência é atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, vulnerabilidade, ex/posição”... Ambos sabemos que cada momento docente que vivenciamos é realizado com entrega apaixonada, com abertura e escuta para aquilo que nosso corpo traz enquanto sugestão, com sensibilidade e disponibilidade para aceitar os (des)caminhos propostos e certamente com vulnerabilidade de expor-se e arriscar-se em propostas incertas. É por isso Verde, que eles nos propiciam esse encontro tão verdadeiro, pois neles saímos da esfera da experimentação e passamos aos domínios misteriosos da experiencição em nosso corpo-paisagem. E assim, fico feliz em saber que podemos nos reconciliar com a experimentação pela experiência que cada uma delas nos possibilitou.

Além disso, querido Verde, e isso eu agora te confesso um tanto encabulado, foi somente através desses domínios misteriosos da experiencição que pude exercitar uma instância de alteridade mais radical em relação ao que cotidianamente considero como *eu*, para encontrar aquilo que em mim, é você, através nosso corpo-paisagem. E isso eu percebo quando leio, entre livros que passam velozmente sobre minhas mãos compondo algumas das paisagens que constituem nosso corpo, o que Marilena Chauí (2002, p. 138-139) escreve sobre a experiência a partir de Merleau-Ponty:

Abertura para o que não é nós, excentricidade muito mais do que descentramento, a experiência ‘não é um modo da presença a si, é o meio que me é dado para estar ausente de mim mesmo [...] Abrindo-se para o que não é nós, a experiência não é comportamento nosso nem acontecimento para nós.

Abre-se para o que *em nós* se vê quando vemos, *em nós* se fala quando falamos, *em nós* se pensa quando pensamos.

Pois é Verde, espero que entenda a dificuldade que uma atitude como essa demanda e não te zangues comigo... Sei que dificilmente você se zangaria, pois dois dos ingredientes mais belos da matéria palhacesca são a humildade e a generosidade, e eu agradeço imensamente por isso. Agradeço também por sua paciência, seu afeto e sua consideração em relação às dificuldades que nos acompanham nesse processo. Posso dizer que as experiências que nos atravessam durante o percurso de nossa relação, foram mais do que simples descobertas. Foram também aprendizados, reconciliações, reconhecimentos, e aceitações necessárias e muito significativas que, aos poucos, vão formando a silhueta de nosso corpo-paisagem. Uma silhueta que não define um contorno preciso, mas sim um contorno confuso que se desfaz e refaz continuamente abrindo-nos, ausentando-nos de nós e ampliando os horizontes possíveis de nosso corpo-paisagem no mundo.

Eu sei que estou me estendendo muito amigo, mas antes de finalizar e como forma de materializar meu agradecimento, eu envio junto com a carta, duas imagens de dois artistas que significam muito do que estou tentando dizer com tudo isso que agora escrevo. A primeira imagem é de Ana Mendieta, artista cubana que ainda criança foi mandada aos Estados Unidos fugindo do regime cubano e lá viveu em orfanatos e instituições católicas junto com sua irmã mais velha. Ela estudou artes na Universidade de Iowa e produziu muitas performances e trabalhos de *earth-body*. Sempre discutindo o feminino e a relação entre corpo e natureza, ela explora diversos temas, principalmente relacionados à sua condição cultural de expatriada, a morte e vida, à violência sexual do corpo feminino e à relação sagrada entre a paisagem e o feminino. Um de seus trabalhos mais conhecidos é a série “*Siluetas*” em que ela mistura seu corpo à paisagem, adere-o ao barro, às pedras, plantas e outros elementos que constituem o espaço e molda-se junto a eles, mimitizando-se. Assim, através da experiência de tornar-se paisagem, ela faz brotar uma silhueta ambígua. É o corpo que extravasa sua condição material, definida e restrita e torna-se mais. Mistura-se ao mundo, confunde-se à paisagem e surge, ele também, como paisagem. É o mesmo corpo-paisagem, confuso, ambíguo e infinito que também nos define Verde. As margens não limitam, só servem para confundir. A matéria não revela, só expande a constituição múltipla que nos faz ser também essência de mundo através das experiências que nos atravessam.

A segunda imagem que lhe envio, Verde Gaia, é de John Divola. Artista norte americano que trabalha na interface entre fotografia, artes visuais e performance. Seus trabalhos geralmente exploram a paisagem e a fronteira entre abstrato e específico. Em vários de seus projetos ele performa uma ação registrando-a pela fotografia, como no projeto “*As Far As I Could Get*” (Tão longe quanto eu conseguir) em que ele liga o temporizador da câmera e sai correndo, o mais rápido possível, para longe dela. As imagens são registradas em uma exposição de 10 segundos e mostram um corpo que corre de costas para a câmera como se, ao longe, invadissem e se mistura à paisagem. Outro projeto interessante se chama “*Four Landscapes*” (Quatro paisagens). Ele se constitui por um portfólio de 20 fotografias organizadas em quatro grupos de cinco fotografias. As fotografias são todas em preto e branco e têm um aspecto granuloso em sua impressão. A ideia é exibir as fotografias em sequência, já que o portfólio é projetado para funcionar como uma instalação. Nela, Divola discute a relação natureza-cultura através da paisagem que cada grupo de fotografias constrói. No primeiro grupo, *Paisagens Ocupadas*, as fotografias tiradas no parque nacional de Yosemite trazem, cada uma, pessoas à distância, como se perdidas, vagassem pela paisagem natural. O segundo grupo se chama *Casas isoladas*. Nele Divola fotografa casas isoladas na paisagem, em uma pequena cidade do deserto próximo a Los Angeles. O terceiro grupo, *Cães*

Vadios, apresenta em cada fotografia um cachorro de rua de Los Angeles. E por fim, o último grupo que se chama *Barcos no Mar* é composto por fotografias onde um barco perde-se no mar, ao longo da Costa do Pacífico.

Através dessa instalação, Divola consegue compor uma paisagem de várias camadas em que natureza e cultura se entrecruzam continuamente, ora com intensidade, ora com sutileza. É, também, um grande dispositivo lúdico, pois em algumas fotografias, a relação entre o objeto determinado (pessoas vagando, uma casa isolada, um cão abandonado e o barco perdido no mar), não é tão clara e, exige uma invasão mais minuciosa na paisagem da fotografia para que se descubra o detalhe preciso.

É uma destas imagens do grupo *Paisagens Ocupadas* que lhe envio Verde Gaia. Em toda a composição de Divola e mais especificamente nessa imagem, posso perceber a relação que compartilhamos. Uma relação delicada e lúdica que se estabelece em camadas entrecruzantes para, por fim, compor uma grande experiência de vinculação na constituição do corpo-paisagem. Essa vinculação por vezes é misteriosa e de difícil acesso, pois se esconde em nossa infinitude. Porém, com calma e paciência é possível percebê-la e senti-la com intensidade. A mesma intensidade que extravasa na fotografia que lhe envio ao percebermos a integração entre as pessoas que compõem a paisagem.

Pois bem meu querido amigo. Fico por aqui. Essa carta já se tornou maior do que eu imaginava, mas eu precisava enviá-la mesmo assim. Espero que lê-la tenha te tocado da mesma forma que me tocou escrevê-la. Garanto que cada curva de cada letra foi traçada com o mesmo prazer que sinto quando nos encontramos. Tivemos nossas diferenças, dificuldades e frustrações, mas isso não diminui o carinho que sinto por você, tampouco a gratidão pela parceria e pelos grandes aprendizados compartilhados.

Logo nos veremos novamente e isso me apazigua. Sei que estará comigo. Em cada aula, em cada apresentação e em cada improvisação. Desejo que cada vez possamos nos conhecer melhor. Compartilhar mais segredos e intimidades. Sonhos e desejos.

Deixo um grande e afetuoso abraço para você Verde Gaia Filho. Você palhaço, você potência. Você pedaço meu, enigmático e cativante. Você paisagem de nosso corpo. Irrestrita. Transgressiva. Delicada. Aberta e contínua.

Até breve.

E.



Figura 1. Ana Mendieta. Série “Silueta” 1978⁵

⁵ Disponível em: <<http://artblart.com/tag/land-art/>>.



Figura 2. John Divola. Occupied Landscapes #4. 1989-1996

Referências

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CARRASCOZA, João Anzanello. **Aos 7 e aos 40**. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.

CHAUÍ, Marilena. **Experiência do pensamento**: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CORAZZA, Sandra Mara. Habitantes de Babel, Resenha crítica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 27, n. 1, p. 191-195, jan./jun. 2002.

6

Disponível

em:

<<http://www.faculty.ucr.edu/~divola/WEB%20Pages%20Grey/1990's/4LS%20Grey/Occupied%20Landscapes%20Hi%20Grey/FrameSet.htm>>.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?**: e outras interinvenções. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Cada homem é uma raça**: contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. Trad. Maria Carmen Silveira Barbosa e Susana Beatriz Fernandes. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 4-27, jul./dez. 2011.

LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Org.). **Habitantes de Babel**: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

PEREC, Georges. **Especies de espacios**. Trad. Jesús Camarero. Barcelona: Montesinos, 2001.